

Mário de Andrade, entre o novo e o lugar-comum: intuição e melancolia na crítica a Machado de Assis

Profa. Dra. Joana Luíza Muylaert de Araújo¹ (UFU)

Resumo:

A crítica modernista brasileira de um modo geral silenciou a respeito da obra de Machado de Assis e quando se pronunciou, como nas crônicas de Mário de Andrade, parece ter herdado o lugar-comum do século passado, comprometendo o que já havia sido conquistado em termos de pensamento crítico sobre arte e literatura de vanguarda. Mas as palavras de Mário deixam entrever intuições não explicitadas, sentimentos não confessados. O texto que apresento vai em busca desses não-ditos, apenas sugeridos nas entrelinhas das crônicas, que mal disfarçam a paixão contida do escritor modernista - moderno, antropofágico, arlequinal – por um legado literário que mal compreende.

Palavras-chave: crítica literária brasileira, Mário de Andrade, Machado de Assis

Introdução

Quase sempre fora do esquadro quando o assunto era literatura brasileira, a obra de Machado foi, como se sabe, reconhecida e consagrada pelos seus contemporâneos que, não fugindo à regra da nossa cordialidade, ou a elogiavam sem qualquer reflexão teórica, ou a condenavam, do mesmo modo levados pelos sentimentos, nem sempre muito louváveis.

A crítica dos anos 1920 e 1930 silenciou a respeito e quando se pronunciou, como nas crônicas de Mário de Andrade, parece ter retomado o lugar-comum do século passado, comprometendo o que já havia sido conquistado em termos de pensamento crítico sobre arte e literatura de vanguarda.

De fato, tudo indica, ao menos no que diz respeito aos projetos de afirmação da brasilidade cultural e literária, que antigos do século XIX e modernos do XX estão mais próximos do que se poderia esperar e prever. Não deve pois causar surpresa se, em relação às fronteiras do território literário nacional delimitado pelos modernos, os escritos de Machado parecem transbordar, exceder os traçados previstos. Ou ainda flutuar, numa espécie de **terceira margem, entrelugar** de apropriação fora de compasso.

Ainda assim, teria Mário de Andrade, - moderno, antropofágico, arlequinal – apenas reproduzido lugares-comuns da crítica tradicional?

Quando lemos mais desatentos o texto de Mário, dedicado a Machado de Assis e à sua obra, costumamos estranhar o que pode parecer anacronismo da parte do crítico, esquecendo os valores que o orientavam naquilo que para ele significou uma verdadeira cruzada em defesa da literatura e da cultura brasileira. Nunca é demais lembrar a dignidade com que Mário sempre assumiu todos os riscos do exercício crítico, aberto e combativo, realizado ao longo de sua história como ensaísta, poeta e prosador. Empenhou corpo e alma na missão a que se impôs de **abrasileirar o Brasil**, sacrificando o artista que poderia ter sido, em prol do pesquisador, incansável no propósito de **ser útil**.

Foi, portanto, em conformidade com os pressupostos do projeto modernista e coerente com o papel assumido, que publicou a crítica a respeito da posição ocupada por Machado na história da literatura brasileira. Rendeu homenagens ao "genial Mestre", ao "nosso maior escritor", reservando-lhe ao mesmo tempo um lugar à margem de uma tão desejada quanto presumível genealogia. Mas as ambigüidades ficam por conta da crítica, não do crítico. Quem, entre os modernistas naquele

¹ Professora Doutora do Instituto de Letras e Linguística/Universidade Federal de Uberlândia.
muylaertj@gmail.com

momento, se interessava em desvendar o enigma proposto pela literatura de Machado? Mário aceitou a encomenda e se expôs, como sempre. (ANDRADE, 202, p. 123-128).

Deveríamos esperar de um **escritor moderno** sensibilidade em relação ao singular e imprevisto numa dada tradição, a moderna narrativa romântica/realista na qual se inseria Machado, quando sabemos que essa mesma singularidade estava longe de se circunscrever à pedra de toque de tudo o que se projetava para que uma literatura brasileira se afirmasse: a representatividade local/nacional, nos temas e nas formas, incluindo a questão da língua?

Claro que devemos, e não se trata de apontar o que poderia Mário poderia ter dito e não disse, mas de ler, nas entrelinhas de seu texto, o que está de fato lá, aludido, pressentido.

Retomando uma das perguntas que desencadeou as ponderações nesse texto apresentadas - até que ponto estaria Mário reproduzindo lugares-comuns da crítica? – aposto na intuição, quase certeza, de que a leitura sensível e amorosa em relação ao outro, estranho aos paradigmas mais rigorosamente pré-estabelecidos, pode transformar impasses críticos e/ou teóricos em escritas afirmativas.

1- Entre o novo e a tradição: ambivalências da crítica de Mário de Andrade

Sobre o apelo à tradição, simultâneo aos movimentos de ruptura com o passado, parece haver consenso entre pensadores e poetas que se propuseram uma revisão crítica da arte moderna e do modernismo. À prescrição clássica de imitar substituiu-se a obrigação de inovar, de provocar rupturas ao infinito, configurando-se assim o paradoxo maior dos tempos modernos: a tradição permanece, embora em outra chave, a palavra de ordem dos movimentos de vanguarda é destruir, fazer tabula rasa dos valores do passado, para instituir uma outra, sempre nova tradição, a tradição de romper.

A modernidade emerge sob o signo de um impasse: a tradição da ruptura esgota as possibilidades do novo no exato instante de sua novidade. O novo não dura o tempo suficiente para impedir uma incômoda nostalgia pelo antigo, a novidade cansa e entedia.

Disso sabiam os primeiros românticos, depois os primeiros modernistas, poetas e artistas de vanguarda. Tanto é verdade que, já entre os que estiveram à frente do momento inicial do modernismo brasileiro, a questão da tradição se impôs e está presente nas produções teóricas e artísticas mais instigantes.

Responderia pelo que permanece relevante na reflexão contemporânea o movimento de restauração do passado no modernismo, e não propriamente, ou exclusivamente, a novidade? Em outras palavras, que sentido faz retomar a pergunta, formulada pelos modernistas, sobre a tradição?

A tradição da ruptura não estaria chegando a um momento de esclerose, como quer Silviano Santiago? Se estamos vivendo o fim da idéia de arte moderna, por que reacender questões que supostamente não mais nos inquietam? Estaríamos sendo anacronicamente modernos, modernos demais?²

Não creio que se trata de uma questão ociosa, somos todos modernos, ainda, não porque sejamos brasileiros, preocupados com a nossa identidade, mas porque a modernidade – ou a pós-modernidade como pretendem alguns teóricos – é a nossa condição, histórica e incontornável, experiência contemporânea compartilhada: “vivemos não em três mundos mas num só”, para retomar as palavras de Ahmad em resposta a Jameson sobre a questão da “alegoria nacional”.³

No país, desde o romantismo encontramos nos escritos literários e historiográficos a recorrência de aforismos sobre a vida cultural e literária brasileira, em torno dos quais se vem cristalizando a idéia de que a experiência histórica nacional estaria condenada ao descompasso em

² Ver a respeito o ensaio de Silviano Santiago, “A permanência do discurso da tradição no modernismo” in *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia da Letras, 1989, p. 94-139.

³ Decisivo para a compreensão do problema é o texto de Aijaz Ahmad, “A retórica da alteridade de Jameson e a “alegoria nacional” in *Linhagens do presente – ensaios*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

relação aos grandes centros de decisão política e econômica. Questão delicada, envolvendo críticos e historiadores, só muito recentemente é que tem sido objeto de reflexão e polêmica pública mais franca, com todos os riscos que mesmo as pequenas divergências comportam.

Em outras palavras, o problema apresentado pressupõe a reavaliação de questões teóricas pertinentes ao campo da historiografia literária, bem como ao domínio da crítica no país, o que implica também mergulhar no sensível terreno dos sentimentos impalpáveis, das imagens de nós mesmos construídas e há muito tempo consolidadas. Descompasso ou desacerto, melancolia romântica que nos condena e nos salva, o não lugar que nos protege; entre a tradição do outro que não somos e o futuro para sempre postergado, o impasse, como paradoxo, nos sustenta. Quando, supostamente, se acertariam os ponteiros do nosso relógio?

O ponto de vista aqui adotado considera a hipótese de que a sensação de **desterrados em nossa própria terra** não se apresenta apenas como uma experiência das culturas modernas, à margem dos grandes centros de decisão política e econômica, mas constitui também, e essencialmente, toda construção identitária moderna.

Nesse sentido, penso que se justifica o recurso aos escritos que, em alguma medida, apresentem dissonâncias relativas ao pensamento dominante ou, para dizer de outro modo, incorporem em gesto afirmativo a estranheza de nossas histórias, imaginadas em cadência e compasso imprevistos, nos espaços, sempre ajustados, da memória. Daí a importância de narrativas e poemas construídos segundo o traçado das escritas nômades e paradoxais, que estão sempre cruzando fronteiras, embaralhando hierarquias.

Não se trata absolutamente de buscar consolo ou refúgio no plano abstrato da superação conceitual ou poética, recusando a importância das abordagens que privilegiam o estudo das implicações econômicas e políticas. Reconhecendo que toda opção teórica encerra escolhas políticas, refaço aqui uma aposta bem conhecida de todos os leitores de Antonio Candido: em literatura não há propriamente devedores nem credores, antes a solidariedade das trocas simbólicas, recíprocas, entre iguais.

Incorporadas na mais bem realizada poesia e na crítica acolhedora e generosa de nossas limitações, tanto a nostalgia em relação ao marco zero de nossa tradição como a melancolia diante do que deixamos de cumprir podem produzir o efeito contrário ao que desses sentimentos se espera. Seria esse o caso da crônica de Mário a respeito de Machado de Assis, publicado em 1939 no **Diário de Notícias** do Rio de Janeiro, por ocasião do centenário de nascimento do autor de **Dom Casmurro**?

Em linhas gerais, o texto é pontuado pela admiração relativa ao “genial escritor” e à “primorosa obra”, exemplo de perfeição técnica, no mais bem acabado estilo acadêmico. Admiração que revela, por outro lado, um incômodo distanciamento intelectual e afetivo em relação àquele que foi “nosso maior escritor”. Vitorioso num meio em tudo hostil às circunstâncias do escritor de origem pobre e mestiça, Machado de Assis, nas palavras de Mário, “não pode se tornar o ser representativo do Homo brasileiro”. Do mesmo modo, as “obras-primas” que escreveu, “perfeitíssimas de forma e fundo, em que, academicamente, a originalidade está muito menos na invenção que na perfeição” se isolam no inacessível lugar dos clássicos, tão cultuados quanto menos compreendidos e amados. (ANDRADE, 202, p. 123-128).

Sabemos que esse foi o tom da crítica dirigida a Machado de Assis e sua obra, por seus contemporâneos. Não cabendo, nos limites dessa comunicação, tratar dessa questão, relembramos apenas os conhecidos impasses entre a superficial apologia dos amigos e a também superficial condenação dos desafetos do escritor.

Nem amigo nem inimigo, Mário de Andrade, até um certo ponto devedor desses impasses, modernista romântico que foi, tentou ser justo nas suas avaliações. E até certo ponto saiu vitorioso. Diria que, embora não atinando para a modernidade do “academismo” de Machado (com as lentes do realismo nacionalista não poderia mesmo vislumbrar outro sentido na ironia machadiana que o “*humour* de camarote, o exercício aristocrático da hipocrisia”) o autor de **Macunaíma** se vê constrangido a reconhecer que nosso Mestre, se “não pode ser um protótipo do homem brasileiro”,

se, na condição de intelectual brasileiro “traíu bastante a sua e a nossa realidade”, por outro lado nos teria legado, com sua obra tão estrangeira, de uma “acadêmica obediência e observação dos protótipos”, “a confiança do nosso mestiçamento”. Refere-se Mário, nessa passagem, à “pena da galhofa”, decisiva e devastadora, com que Machado tratou das idéias raciais/evolucionistas, “bando de idéias novas”, muito seriamente consideradas por parte significativa da intelectualidade brasileira, incluindo alguns admiradores do escritor, que, como se vê, quase nada compreenderam do que ele escrevia. (ANDRADE, 2002, p. 123-128).

Nesse ponto, entretanto, Mário de Andrade, também admirador “inquieto” de Machado, acertou em cheio. Mais um passo nessa direção e Machado poderia aparecer como o mais realista entre os realistas, o mais brasileiro entre escritores brasileiros. Nas últimas linhas de sua crônica, entre reticências, Mário hesita:

E é por tudo isto que a esse vencedor miraculoso não lhe daremos as batatas de que teve medo e antecipadamente zombou. Damos-lhe o nosso culto. E o nosso orgulho também. Mas estou escrevendo este final com uma rapidez nervosa ... Meus olhos estão se turvando, não se ... Talvez eu já não esteja mais no terreno da contemplação. Talvez eu esteja adivinhando ... (ANDRADE, 2002, p. 128)

Atitude crítica, que sempre o acompanhou na sua missão de **dar uma alma ao Brasil**, adivinhar, intuir soluções mais engenhosas que as que ele mesmo propunha, não lhe parecia exercício particularmente difícil. Tanto nas interpretações sobre a tradição literária como nas avaliações sobre a poesia e a prosa contemporânea, Mário sabia abrir parênteses para os prováveis e inevitáveis equívocos de suas leituras. Em relação à obra de Machado de Assis, o que Mário diz **talvez adivinhar**, sem qualquer formulação mais explícita?

O ensaio, que deveria ser laudatório, e em certa medida é de fato, inicia com o costumeiro e, já a essa época, fácil reconhecimento da genialidade da **obra** de Machado. Mas a nota dissonante logo se faz ouvir, a distância amorosa em relação ao “autor” da obra torna incompreensível essa mesma genialidade, trava a aproximação, a identificação desejada entre obra, autor e leitor. E por que Mário não se reconheceria em Machado, por que não reconheceria sua obra **representativa do Brasil**? Se respondêssemos com as suas palavras, diríamos que “aos artistas a que faltem () dons de generosidade, a confiança na vida e no homem, a esperança, me parece impossível amar”; diríamos ainda que “a perfeição, a grandeza da arte é insuficiente para que um culto se totalize tomando todas as forças do crente” (ANDRADE, 2002, p. 107-113).

A questão, já bastante repisada na crítica, do lugar da obra de Machado na literatura brasileira, o grau de sua força de representação realista do local/nacional, retorna reafirmando um velho adágio das escritas da história literária brasileira. Como poderia ser **útil construtor** de uma cultura brasileira quem, distanciado do seu meio, escreve “com a pena da galhofa e a tinta da melancolia”? O projeto modernista, de integração das culturas heterogêneas e, no limite, incompatíveis, não previa o **abstencionismo** individualista diante da vida. Para a tarefa, (utópica?) os esforços teriam que ser desmedidos, exigindo o sacrifício de muitos, particularmente de artistas e intelectuais.

Mas não se trata apenas de um lugar comum quando estamos falando de Mário, leitor atento as suas próprias limitações.

Aos olhos turvos de Mário não poderia escapar que “as obras valem mais que os homens” e a de Machado “nos dá a confiança do nosso mestiçamento”, com o seu próprio exemplo de “mestiço vitorioso na vida” e na conhecida passagem de Quincas Borba, “Ao vencedor, as batatas”, em que rebate com a mesma (antes desqualificada por Mário) “pena da galhofa e da melancolia” as teorias raciais tão bem recebidas por tantos de nossos mais renomados e prestigiosos intelectuais, alguns bem representativos do brasileiro, se tomarmos por referência o valor considerado por Mário em sua crítica. (ANDRADE, 2002, p. 128).

Refere-se Mário, nessa passagem, à “pena da galhofa”, decisiva e devastadora, com que Machado tratou aquele **bando de idéias novas**, muito seriamente consideradas por parte significativa da intelectualidade brasileira, incluindo alguns admiradores do escritor, que, como se vê, quase nada compreenderam do que ele escrevia.

É em momentos como esse que Mário de Andrade, a essa altura não apenas admirador do gênio de Machado, acerta em cheio. Mais um passo nessa direção e Machado poderia aparecer como o mais realista entre os realistas, o mais brasileiro escritor. Nas últimas linhas de sua crônica, entre reticências, Mário hesita:

E é por tudo isto que a esse vencedor miraculoso não lhe daremos as batatas de que teve medo e antecipadamente zombou. Damos-lhe o nosso culto. E o nosso orgulho também. Mas estou escrevendo este final com uma rapidez nervosa ... Meus olhos estão se turvando, não se ... Talvez eu já não esteja mais no terreno da contemplação. Talvez eu esteja adivinhando ... (ANDRADE, 2002, p. 128)

Referências Bibliográficas

- 1- ANDRADE, Mário de. Aspectos da literatura brasileira. 6.ed. Belo horizonte: Editora Itatiaia, 2002.
- 2- SANTIAGO, Silviano. A permanência do discurso da tradição no modernismo. In *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia da Letras, 1989, p. 94-139.
- 3- AHMAD, Aijaz. A retórica da alteridade de Jameson e a “alegoria nacional”. In: *Linhagens do presente – ensaios*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.